

**O APAGAMENTO DOS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA
NA ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Ester Nunes da Silva Dutra (UFRRJ)

prof.tete@yahoo.com.br

Marinazia Cordeiro Pinto (UFRRJ)

marinazia@gmail.com

RESUMO

O presente artigo, baseado nos pressupostos teóricos da sociolinguística e estudos da fonética do português brasileiro, objetiva investigar os aspectos relacionados ao apagamento do /R/ em coda silábica, em posição final de vocábulo na escrita de estudantes do ensino fundamental e propor atividades a fim de minimizá-lo.

Palavras-chave: Rótico. Coda silábica. Escrita.

1. Introdução

Na área de estudos da fonética, diversas pesquisas sociolinguísticas têm contemplado o rótico como foco de análise, pelo fato de este oferecer várias possibilidades de variação e realização. O que se observa é que os estudiosos têm concentrado suas pesquisas sobre a variação do rótico na língua falada em posição final das palavras e os trabalhos têm revelado que o fenômeno do apagamento do rótico em posição de coda silábica vem avançando para o contexto da escrita e preocupando os professores de língua portuguesa no ensino fundamental. É muito comum encontrarmos nos textos dos alunos palavras em que a letra *r* em posição final de sílaba não é grafada, sobretudo no infinitivo das formas verbais. O que se observa é que eles tendem a escrever do mesmo modo como pronunciam as palavras. Isso se dá devido a pouca familiarização com a escrita ortográfica e para tal o aluno precisa ter este contato mais intensificado, lendo e escrevendo bastante. “Dominar bem as regras de ortografia é um trabalho para toda a trajetória escolar e, quem sabe, para toda a vida do indivíduo.” (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 274)

Com o intuito de contribuir para a caracterização fonética dos róticos do português brasileiro e, conseqüentemente, colaborar para fomentar discussões no âmbito do ensino de língua portuguesa este trabalho tem como objetivo investigar e descrever, por meio da análise de textos de alunos do sétimo ano do ensino fundamental, o fenômeno fonético-fonológico variável encontrado na escrita dos alunos, que é o apagamen-

to do som do rótico final, em posição de coda silábica e propor atividades que têm como objetivo minimizar este fato, de forma a contribuir para uma adequação à ortografia oficial da língua portuguesa.

2. O uso da língua pelo falante

Não sabemos de fato como se fala o português no Brasil. Somos um país pluricultural e plurilíngue. Não é possível considerar que exista apenas uma forma de se falar o português brasileiro: “mais bonita e a mais prestigiada”. Sendo que as outras formas são consideradas erradas ou impróprias.

Todo falante nativo é competente em sua língua, pois ele segue as regras da estrutura da língua e desempenha variadas tarefas comunicativas. Porém, em alguns casos, pode cometer uma inadequação de certas formas a certos usos. O que para alguns caracteriza um erro; entretanto, a teoria sociolinguística substitui a noção de erro pela noção de diferenças entre variedades ou entre estilos.

O critério social se apega a fatos linguísticos, que por si só não são neutros, para impor preconceitos. Podemos citar o caso do “r” caipira, variante mineira. Do ponto de vista fonológico, não há nada de bom ou de ruim em utilizá-lo, mas se o falante for morar na região sul, por exemplo, ele poderá ser alvo de preconceito social. Portanto, está comprovado que nenhuma língua pode ser considerada como uma entidade homogênea.

Alguns fatores sociais estão relacionados à diversidade linguística, como a identidade social do emissor ou falante; a identidade social do receptor ou ouvinte; o contexto social e ainda o julgamento social distinto que os falantes fazem do seu comportamento e do outro.

De modo geral, as variedades linguísticas podem ser descritas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática).

a) Variação geográfica ou diatópica – refere-se às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico. Essas diferenças são observadas entre indivíduos de procedências geográficas distintas.

b) Variação social ou diastrática – está relacionada a um conjunto de fatores que se referem à identidade dos falantes, bem como com a organização sociocultural da comunidade de fala. A sociolinguística aponta

os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a classe social do falante, a idade, o sexo e também a situação ou contexto social em que o falante está inserido.

A questão que abordaremos aqui não é a maneira “correta”, que o falante e principalmente os estudantes e jovens em geral devem “fazer uso de sua língua”, mas a influência que tais usos estão causando na escrita, considerada ainda aquela que deve obedecer a um padrão mais elaborado, mais formal da língua. E para tanto, recorreremos aos estudos da fonética e dos especialistas com o objetivo de compreendermos melhor as variações fonéticas do /R/ e, sobretudo, de que maneira tal fenômeno contribui para o apagamento desta consoante em posição final de sílaba na escrita dos alunos.

Estudamos que os sons não se realizam sempre da mesma maneira. Dependem do contexto em que acontecem. No que se refere ao estudo das variantes fonéticas do som de “r”, estas se encontram referidas em um grupo comum denominado róticos.

O termo róticos é utilizado sem razão fonética, já que os sons de “r” comportam-se de maneira diferenciada por serem produzidos com pontos e modos de articulação diversos. Essa terminologia se justifica em função do grafema R representativo de toda a variação oral de sons do “r”.

Na posição de coda silábica no português brasileiro, podem ocorrer as seguintes manifestações fonéticas de róticos: tepes, vibrantes, aproximantes e fricativas. A literatura do português brasileiro (CALLOU et al, 1997; SILVA, 2002; BARBOSA; ALBANO, 2004) aponta a produção da variante fricativa em falantes de Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG) e cidades da região Nordeste do país, como Salvador (BA) e Recife (PE). Já a variante tepe é encontrada em São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS); a variante vibrante pode ser observada em algumas regiões de São Paulo (SP). A variante retroflexa é verificada na fala de sujeitos de cidades do interior, caracterizando o falar “caipira”.

3. O apagamento dos róticos pelos alunos

Após muitas pesquisas, Bortoni-Ricardo (2006, p. 268) chama atenção para o fato de que os professores têm de aprender a fazer a distinção entre problemas na escrita que decorrem da interferência de regras fonológicas variáveis e outros que se explicam simplesmente pela falta

de familiaridade do alfabetizando com as convenções da língua escrita.

Sendo a vogal o núcleo silábico, ela pode ser precedida ou seguida de consoante e é nesta última posição, quando a consoante segue o núcleo silábico que acontecem as principais regras de variação fonológica no português brasileiro, sendo, portanto, a posição pós-vocálica ou de travamento silábico sujeita a uma gama de realizações com uma forte tendência a ser cancelada.

Após analisar a instabilidade e a canonicidade silábica do português e sua influência na aprendizagem da escrita, Alvarenga e Oliveira (1997) defendem a existência de posições consonantais fortes e fracas na sílaba, sendo a *coda* considerada como a posição fraca ou instável, passível a um grande número de alofonias na fala e um grande número de variações na escrita.

Para os autores, considerando a canonicidade e a instabilidade das estruturas silábicas é de se esperar que a sílaba CV seja, do ponto de vista da aprendizagem, a estrutura silábica mais fácil e deve ser a sílaba que o aprendiz espera encontrar nas primeiras abordagens da língua escrita.

Ao estabelecer a primazia da língua falada sobre a escrita, a linguística abriu caminho para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas que têm como foco de análise a língua falada. Nos últimos anos, os estudos linguísticos estão procurando demonstrar a inter-relação entre língua falada e língua escrita, contrariando uma ideia antiga de que a escrita seria independente da fala e estruturalmente mais elaborada e complexa.

Os resultados dessas investigações levaram à compreensão, segundo Tasca (2002, p. 31) de que, para explicar o funcionamento da escrita nos primeiros anos escolares, é necessário antes ter compreendido como funciona a língua oral. Além disso, ao entrar em contato com o sistema ortográfico da língua, o sujeito aprendiz da leitura e da escrita depara-se com as interferências do sistema fonológico, daí a necessidade de se estudarem as características dos sons vocálicos e consonantais.

4. Metodologia e análise de dados

Este trabalho constitui-se em um estudo, de cunho descritivo, que pretende investigar os aspectos relacionados ao apagamento do rótico em posição de coda silábica na fala e escrita de estudantes de uma escola municipal da cidade de Nova Iguaçu. A metodologia que orienta este tra-

balho é o modelo laboviano de pesquisa sociolinguística que busca analisar a produção oral dos falantes, considerando além dos fatores linguísticos, as influências de fatores socioculturais a que a linguagem humana está submetida.

O material para análise de dados foi constituído por textos escritos com um total de 18 alunos, na faixa etária de onze a catorze anos, pertencentes ao sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro.

Os testes foram elaborados previamente a partir de palavras que contemplavam o fonema /R/ em diversos contextos de variação, onde o fenômeno linguístico que mais se destacou foi o apagamento do /r/ em posição de coda silábica.

Após a apresentação de dez imagens e cenários, através de slides, os alunos reproduziam o que viram utilizando a escrita. O quadro, a seguir, traz o resultado da amostragem e os aspectos observados, no momento posterior à atividade.

Ortografia dos alunos	Ortografia oficial de acordo com o português brasileiro
Corre	Correr
Estuda	Estudar
Amor	Amor
Do	Dor
Ri	Rir
Le	Ler
Pula	Pular
Abrasá	Abraçar
Tambo	Tambor
Acredita	acreditar

Observou-se que, em posição final de vocábulo, o apagamento do rótico é mais expressivo que em posição interna da palavra, comprovando a tese da fala sobrepujar a escrita. Outro ponto que nos chama a atenção é o fato de as formas verbais apresentarem um apagamento maior na escrita que os nomes, ou seja, em não verbos. E, para finalizar, fica evidente que o apagamento do rótico em posição de coda na escrita é inibido pelo maior grau de familiaridade que o aluno tem com a palavra.

Segundo Bortoni-Ricardo (2006), esse apagamento do /r/ em final de palavra é muito comum no português brasileiro, tanto na fala quanto na escrita. É mais predominante o falante suprimir o /r/ em final de palavras com mais de uma sílaba. Essa regra de supressão é variável, podemos realizá-la ou não, varia de acordo com a palavra e regiões. Ela afir-

ma que:

No português brasileiro, há uma forte tendência para suprimirmos o /r/ final nos infinitivos verbais (...) tendemos a suprimi-lo mais frequentemente nos infinitivos e nas formas verbais do futuro do subjuntivo e em palavras com mais de uma sílaba. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 269)

Oliveira (1983, p. 89) defende a tese de que o apagamento é um processo variável, sujeito a condicionamento fonológico, o que possibilita uma intervenção pedagógica do professor. O papel do professor de língua portuguesa é realizar propostas de intervenção com o objetivo de desenvolver a consciência fonológica dos alunos, promovendo atividades que concorram para a utilização adequada dos róticos, de modo que os estudantes possam identificar seus diferentes usos e evitar que tais “desvios” ocorram na escrita, principalmente.

5. Caminhos para a solução

O docente precisa considerar, em sua busca por solucionar o problema da omissão da letra r em posição de coda na sílaba e outros problemas ortográficos, que o sistema da língua portuguesa é um sistema fonográfico em que sílabas e letras representam segmentos fonológicos (NAVAS; SANTOS, 2002, p. 3). Deve considerar também que quanto maior a incidência de um erro, maior a complexidade linguística a ser apresentada pelo docente e compreendida pelo aluno (ZORZI, 2003, p. 43); não é sempre um problema de quem aprende, mas uma complexidade presente na própria língua. A questão da omissão de letras na escrita está relacionada também à formação da sílaba; quanto mais distante do padrão consoante-vogal, maior a incidência deste tipo de erro. Nas palavras de Leda Bisol (2013, p. 23), “A distinção entre rimas simples e complexas é de suma relevância para a descrição do acento em sistema sensível ao peso da sílaba, como o português e outras línguas”.

O maior obstáculo está na dificuldade que algumas crianças têm de compreender a noção de fonema, base da escrita alfabética. Esta compreensão é o que os teóricos denominam consciência fonológica,

uma competência metalinguística que possibilita o acesso consciente ao nível fonológico da fala e a manipulação cognitiva das representações neste nível, que é tanto necessária para a aprendizagem da leitura e da escrita como dela consequente. (NAVAS; SANTOS, 2002, p. 4)

O desenvolvimento da consciência fonológica é uma estratégia que deve estar presente em todo trabalho de alfabetização, independente

da metodologia utilizada (QUEIROZ; PEREIRA, 2013, p. 32). A consciência fonológica tem seus estágios ligados à idade e, principalmente, ao nível de escolaridade da criança; assim como, está diretamente relacionado ao desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita. Este desenvolvimento tem como sua primeira dificuldade o fato de que a fala é contínua e a escrita é segmentada, sendo por isso, uma abstração da fala e não uma representação direta desta. Um falante pode emitir palavras sem ter a consciência de que estas palavras são formadas por sons que estão devidamente articulados em sua composição.

Existe uma relação entre o grau de consciência fonológica em que está a criança e as hipóteses formuladas por ela em sua escrita. A referência ao grau de consciência fonológica da criança se dá pelo fato de que esta apresenta diferentes níveis (ZORZI, 2003, p. 29): conhecimento da rima, conhecimento silábico, conhecimento intrassilábico e conhecimento fonêmico.

Para que o professor possa conduzir o aluno à correção do erro ortográfico de omitir o r em posição de coda silábica, é necessário que o aluno tenha alcançado em seu crescimento escolar o nível silábico de sua consciência fonológica, ou seja, ele tem que estar capacitado a “segmentar e operar com as estruturas silábicas das palavras” (ZORZI, 2003, p. 29). Trata-se do corriqueiro exercício de divisão silábica. Uma atividade, por vezes, marcada pela pouca compreensão de sua utilidade; visto que há alunos capazes de dividir corretamente uma palavra em sílabas, mas incapazes de relacionar esta habilidade com a maneira de separar uma palavra no final de uma linha; dividindo a palavra em qualquer lugar sem relacionar este momento de sua escrita com a divisão silábica aprendida nos primeiros anos de escolaridade.

Tendo atingido o nível silábico da consciência fonológica, o professor deve apresentar e exercitar com seus alunos o que a gramática denomina sílabas átonas e sílabas tônicas. Em *Distúrbios de Leitura e Escrita – Teoria e Prática* (SANTOS; NAVAS, 2002, p. 310), apresenta-se a sugestão de desenvolver esta competência, a princípio, apenas no nível da oralidade. Pode-se acompanhar a emissão das palavras com palmas ou outro tipo de percussão de acordo com as sílabas das palavras. Ao emitir as sílabas das palavras, realiza-se uma batida mais forte na sílaba tônica e outras mais fracas nas sílabas átonas. Este é um exercício de estímulo para a compreensão do conteúdo apresentado e deve ser iniciado com palavras curtas. O aluno deve perceber que em cada palavra temos apenas uma sílaba mais forte que as demais, a sílaba tônica.

Posteriormente, muda-se o exercício da oralidade para escrita em que o aluno deve no papel segmentar a palavra em sílabas e marcar abaixo destas sílabas com um símbolo para a sílaba tônica e outro para as sílabas átonas, podendo ser como sugerem Santos e Navas (2002, p. 311) um “o” minúsculo para as átonas e um “O” maiúsculo para a tônica; ou ainda, escrever com uma cor as sílabas átonas e com outra a sílaba tônica. Quanto mais visual e atrativo o trabalho neste momento, mais fácil será o aprendizado e a fixação. As autoras também sugerem que se trabalhe palavras que se diferenciam apenas pela posição da sílaba tônica como sábia/sabia/sabiá. Ou seja, que o trabalho seja realizado de forma lúdica, promovendo a atenção do aluno (QUEIROS; PEREIRA, 2013, p. 43).

Estabelecer regras a partir de reconhecimento das categorias gramaticais não produzirá efeito nem nas palavras em que existe esta diferença como ocorre com os verbos em que o infinitivo é marcado pelo r em posição final da última sílaba. Isso ocorre porque a maioria das crianças nos primeiros anos da escola não são capazes de estabelecer diferenças de categorias gramaticais. Diante desta constatação, pode-se recorrer ao conhecimento que descrevemos anteriormente e está relacionado à entonação das palavras, à força na emissão de suas sílabas.

O professor apresenta para o aluno o fato de que as sílabas com o r em posição de coda são, na maioria das vezes, entoadas com mais intensidade, ou seja, são sílabas tônicas; e de que, dependendo do nível de escolaridade, no caso dos verbos, o r final marca o infinitivo.

A capacidade de autocorreção advém do que Zorzi denomina “controle consciente da escrita” (2003, p. 68). Nesta etapa, a criança identifica o erro, determina o seu tipo e busca a maneira correta de escrever determinada palavra. É neste momento que surge a pergunta de como se escreve uma ou outra palavra. É neste momento também que o aluno pode ser treinado a identificar na escrita da palavra a sílaba tônica e, quando for o caso, acrescentar o r no final desta sílaba. Por exemplo, no par canta/cantar, existe um deslocamento da sílaba tônica marcado pela presença do r. Alcançando a consciência deste fato, o aluno poderá evitar erros como “Vou canta”, porque estará capacitado a perceber a necessidade da presença do r no final da sílaba tônica. É a consciência de que a escrita não deve ser uma automática representação da fala.

6. Considerações finais

Apresentar a escrita como uma organização em que não ocorrem irregularidades, como um sistema lógico e constante, não tem trazido bons resultados em seu aprendizado. Simplificar o sistema fonológico/ortográfico é trabalhar com uma língua imaginária; já que a língua portuguesa é repleta de complexidades e diversidades.

É necessário que o aluno, em seus primeiros momentos no processo de alfabetização compreenda que a língua escrita possui inúmeras diferenças da língua falada; não há uma correspondência exata entre uma e outra. A criança só vai ultrapassar a tendência de escrever baseando-se exclusivamente na oralidade quando “a imagem visual da palavra impressa possa se sobrepor à imagem sonora da palavra falada” (ZORZI, 2003, p. 50). Pesquisas têm mostrado que a maior parte dos erros de escrita apresentados pelos alunos tem como fundamento a influência da oralidade na escrita (ZORZI, 2003, p. 50). O que precisa ficar patente para o aluno é que não importa a maneira de se pronunciar uma palavra; a maneira como ela será escrita é única.

Aprender as convenções da ortografia com todas as suas complexidades é uma difícil conquista para o aluno; isto porque trata-se de um aprendizado que não se esgota no período escolar; mas que cabe à educação a condução do aluno no universo ortográfico; sem definir duração no tempo de aprendizagem porque esta varia de aluno para aluno.

O desenvolvimento da consciência fonológica, embora em seus primeiros estágios possa acontecer de forma espontânea, ele também pode e deve ser produzido sistematicamente. Trata-se do meio mais eficaz de sanar problemas ortográficos que muitas vezes estão ligados ao fracasso escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, D.; OLIVEIRA, M. A. Canonicidade silábica e aprendizagem da escrita. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 6, n. 5, 1997, p. 127-158.

BAGNO, M. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2008, p. 92-96.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl.

(Orgs.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: UFSC, 2006, p. 267-276.

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. VII: A construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do /R/ final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *D.E.L.T.A.*, vol. 14, 1998, p. 61-72.

CAMARGO, Z. A.; FONTES, M. A. S.; MADUREIRA, S. *Introdução ao estudo dos sons da fala*. Apostila da disciplina de fonética e fonologia do curso de fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUCSP, 2000.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. Rhotics. In: _____. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. 1983. Tese de doutorado. University of Pennsylvania.

QUEIROZ, Esmeralda Figueira; PEREIRA, Aline de Souza. Negligência com a consciência fonológica e o princípio alfabético. In: BORTONIRICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. (Orgs.). *Os doze trabalhos de Hércules do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Maria Thereza Mazorra dos; NAVAS, Ana Luiza G. P. *Distúrbios de leitura e escrita*. Teoria e prática. São Paulo: Manole, 2002.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português brasileiro: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2002.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002.

_____. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Eds.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: Universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002, p. 269-302.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita*.
Questões clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2003.